

O SETTING DE USO PSICOATIVO POR TRAVESTIS TRABALHADORAS SEXUAIS

Pedro Lopes Silva Luz¹
Maria Clara Pitanga²

INTRODUÇÃO

A presente comunicação resulta de uma reflexão elaborada para um ensaio da disciplina “FCHF06 – Socio-antropologia do uso das substâncias psicoativas”, ministrada pela Prof^a Roca Alencar. Este trabalho consiste em uma breve revisão da literatura sobre o uso de drogas por travestis e a forma como esse tema é abordado nas Ciências Sociais. A análise se concentra nos contextos de uso entre profissionais do sexo que são travestis, investigando como essa utilização é retratada na literatura atual, além de buscar compreender a relação entre vulnerabilidade e as motivações para o uso de substâncias psicoativas.

Dessa forma, a comunicação explora a representação das travestis na literatura acadêmica, o uso de substâncias em locais de prostituição, tanto no Brasil quanto no exterior, e as estratégias de redução de riscos e danos direcionadas a esse grupo. Além disso, a reflexão considera o conceito de setting e a conjuntura do tráfico de drogas realizada por travestis, apoiando-se em obras relevantes como “As travestis”, de Don Kulick; “Encruzilhada também é ponto de partida”, de Julia Pereira Bueno; “Liberalismo minoritário”, de Moisés Lino e Silva; “O contexto do uso de drogas entre travestis profissionais do sexo”, de Rita Martins Godoy Rocha, Débora Letícia Pereira e Thaísa Magna Dias; e “Vidas trans”, de Amara Moira, Márcia Rocha, João W. Nery e Tarso Brant.

Metodologicamente, essa pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica baseada em autores que exploram as interseções entre o existir travesti, o trabalho sexual, o sistema capitalista e suas explorações e o consumo de substâncias e/ou são etnografias que retratam a vivência travesti entre os anos 2000 e 2024- que serão utilizadas como exemplos nessa pesquisa. Organizado em 3 objetivos específicos – buscar compreender o Setting e Set trans, buscar compreender a relação do trabalho informal e uso de drogas em indivíduos desviantes e pensar em estratégias para redução de danos em corpos considerados fora do padrão cisgênero-, que se entrelaçam buscando compreender uma “simples” pergunta: Por que o uso de substâncias é tão

¹ Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia-Ba, yagacey@gmail.com;

² Bacharelado no curso de bacharelado interdisciplinar em humanidades na Universidade Federal da Bahia, -BA, mariaclarapitanga777@gmail.com.

comum entre travestis profissionais do sexo? Todavia, ao progredir da pesquisa é possível perceber que essa pergunta perpassa por tantos outros pontos que se complexo responder de forma incisiva. Pensando nisso, busco começar uma discussão que espero continue com mais pesquisadores.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Metodologicamente, essa pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica qualitativa baseada em autores que exploram as interseções entre o existir travesti (BRANT et al, 2017), o trabalho sexual (Godoy et al, 2013), o sistema capitalista e suas explorações (Marx, 2011); e o consumo de substâncias e/ou são etnografias que retratam a vivência travesti entre os anos 2000 e 2024 (Bueno, 2024) (Kulick, 2008) (Lino, 2023)- que serão utilizadas como exemplos nessa pesquisa. Organizado em 3 objetivos específicos – buscar compreender o Setting e Set trans, buscar compreender a relação do trabalho informal e uso de drogas em indivíduos desviantes e pensar em estratégias para redução de danos em corpos considerados fora do padrão cisgênero, que se entrelaçam buscando compreender uma “simples” pergunta: Por que o uso de substâncias é tão comum entre travestis profissionais do sexo? Todavia, ao progredir da pesquisa é possível perceber que essa pergunta perpassa por tantos outros pontos que se complexo responder de forma incisiva. Pensando nisso, busco começar uma discussão que espero continue com mais pesquisadores.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em quase todas as cidades, incluindo Salvador, travestis são de tal forma descriminalizadas que muitas evitam aventurar-se nas ruas durante o dia. Elas são vítimas frequentes de violência policial e de assassinatos. A maioria é proveniente de famílias muitos pobres, muitas continuam pobres a vida toda, levando uma existência miserável, morrendo antes dos 50 anos em virtude da violência, do uso de drogas, de problemas de saúde relacionados a aplicações de silicone ou, em número cada vez maior, em decorrência da síndrome de imunodeficiência adquirida- Aids (Kulick, 2008, p.14.).

De início é interessante comentar que as travestis são pessoas, majoritariamente, vulneráveis, e o intuito desse texto não é marginalizá-las mais, e sim mostrar a existências delas, e como o sistema social ocidental é estruturado para deixá-las a margem social cada vez mais, e essa situação de vulnerabilidade, normalmente, tem relação com a habituação dessas mesmas travestis com o uso de substâncias psicoativas.

Sabe-se que as travestis, na literatura, são grupos sempre mostradas em áreas de vulnerabilidade, sendo existe um contexto por trás desses desamparos. Muitas dessas travestis,

quando “saem do armário”, são expulsas de casa, se mudam para favelas, locais onde, muitas vezes, é existente mais segurança para pessoas LGBTQIA+ (Lino, 2023). Além disso, a maioria não tem como primeira opção o trabalho sexual, porém esse se mostra mais “vantajoso” por receber mais dinheiro em pouco tempo de trabalho (Kulick, 2008).

As práticas sociais que definem o sujeito como o diferente, “o abjeto”, por suas práticas sexuais, surgem com a ascensão do capitalismo. Esse sistema necessita que pessoas sejam colocadas como inferiores para existir diferenças sociais e diminuição de salários de certos grupos. Dessa maneira, não é de se estranhar que o consumo seja a primeira forma de ser reconhecido na sociedade, e como esse consumo necessita de dinheiro, pessoas LGBTQIA+, principalmente pessoas trans e travestis, recorrem a trabalhos precarizados para conseguirem se manter nesse sistema. Logo, o trabalho sexual se torna uma boa opção, uma vez que, no sistema capitalista, as opções de trabalho para pessoas fora do padrão sexual e de gênero são, majoritariamente, exploratórias e com diminutos salários.

Ademais, o uso de drogas nos locais de trabalho das acompanhantes se torna frequente, e o uso, muitas vezes, ocorre inicialmente nos próprios locais, para, por exemplo, se aguentar as condições do lugar (Kulick, 2008). Analisar o uso de substância em profissionais do sexo travestis se dificulta, pois é necessário adentrar no contexto dessas pessoas naquele trabalho e do contexto pessoal. Todavia, é existente pouca literatura sobre esse assunto até o momento, principalmente, relacionando o contexto de uso com a profissão travesti.

- Mas em termos de dinheiro, todo o dinheiro que você ganha vai para essa pessoa com quem você tem o empréstimo?

Ela respondeu:

-Não! O dinheiro todinho, não! Eu preciso de grana para viver, tem minhas droguinhas e outras questões, sabe?

O uso de diferentes drogas era algo comum entre a maioria das minhas amigas travestis. Nesse sentido, Natasha era uma exceção. Na verdade, Natasha costumava julgar outras travestis nesse ponto.

-É melhor eu parar com essas malditas drogas, porque elas são caras! (...)
(Lino, 2023, p.262).

O uso de substâncias travestis varia dependendo do contexto social delas. Todavia, se tratando das que são trabalhadoras de sexo, vemos que o uso tem uma grande relação com a sua profissão - tanto para melhorar seu desempenho como até para conseguir fazer sexo com várias pessoas em um mesmo dia. Assim, muitas travestis vêm que seu uso de substâncias é simplesmente relacionado com o trabalho (Godoy et al, 2013).

Assim, vemos que o uso e o setting têm extrema relação um com o outro. Segundo Zinberg (1984), o uso descontrolado de substâncias depende do contexto que a pessoa utiliza, ou seja, depende do emocional da pessoa, do contexto físico e sociocultural, dos controles sociais, entre

outros. Dessa maneira, a citação que coloco no começo da seção faz referência a esse setting. Nesse diálogo, é existente uma travesti que mudou de país utilizando o dinheiro de uma cafetina, e tinha que se prostituir no estrangeiro para pagar a dívida. Todavia, o maior problema nessa situação para essa trabalhadora do sexo era o frio de ficar na esquina, no inverno, de um país europeu para conseguir clientes, e para solucionar esse problema era existente duas formas: comprar um casaco caro, ou uso de droga. Ela escolheu a segunda opção, mas no final percebeu que também gastava muito. Porém, o uso de drogas tem algo a mais comparado ao casaco, o prazer. Usar heroína não te deixa somente com uma sensação de calor, te traz prazer e esses são os principais motivos do seu uso (Lino,2023).

Ser trabalhadora profissional do sexo tem diversos desafios, principalmente, na questão segurança, mas a necessidade de conseguir satisfazer o cliente também pode se tornar um problema, e ser um dos motivos dos quais elas, as travestis, utilizam estimulantes para conseguir melhorar a seu desempenho sexual. Seguindo tal lógica, as substâncias utilizadas são vistas como “parte do trabalho”, o que explicaria o motivo delas não se verem como fazendo uso não controlado, pois se não estivessem naquele trabalho não estaria usando aquela substância (Godoy et al ,2013).

Logo, a utilização é vista de forma profissional, para a maioria das travestis. Porém, não são todas as travestis que percebem o uso como forma profissional, muitas delas fazem uso em contextos de festa e até mesmo religioso, mas não é o foco desse trabalho. Aliás, algumas têm a venda das substâncias como sua maior fonte de renda. Na próxima seção, analisarei a seguir alguns textos que retratam o uso de substâncias feito pelas travestis em contexto de prostituição.

Maquiagem pronta, cabelo ainda pingando e novamente repartido, Banana acendeu outro cigarro. Tomou um gole de café em um pote de margarina que fazia as vezes de copa e atravessou o quarto atrás de uma calcinha. Começou a revirar um monte de roupas amarrotadas em cima da cadeira, rindo, enquanto lançava as roupas, para longe, por cima dos ombros. ‘Calcinha, calcinha, ave, Maria, nenhuma calcinha limpa, não’, ela grasnou. O comprimido de “Roupinol” - isto é, Rohypnol, um barbitúrico que misturado com álcool ou café pode ter resultado estimulante – ingerido pouco antes começava a fazer efeito (Kulick, 2008 ,p.19).

Ao analisar dados como o texto “As travestis” de Don Kulick (2008) percebe-se que o uso de drogas no meio do trabalho sexual é existente, e poderíamos dizer até mesmo comum. Todavia, até pouco tempo esse tema é perpassado na literatura de forma muito simples, vaga, somente se demonstrando a existência, mas não explicando as razões do uso, por exemplo, na citação supracitada o uso é como um estimulante antes de começar a “batalha” -gíria das profissionais travestis para se falar de trabalho sexual-, mas o autor não se debruça nesse assunto.

Assim, é possível se perguntar se o uso de psicoativos pelas travestis trabalhadoras sexuais é feito por questões de “sobrevivência” ou por recreação. As literaturas atuais demonstram que a maioria desses usos só acontecem por elas irem trabalhar num local muitas vezes insalubre, e precisarem de estímulos para permanecer no local, por exemplo, no livro “liberalismo minoritário”, as travestis que estão no exterior ficam habituadas em heroína por necessitarem dela para não ficarem com frio. Desta forma, é possível compreender que o uso de drogas não é necessariamente por diversão, mas pela necessidade do próprio trabalho. As travestis precisam trabalhar mesmo estando em locais extremamente frios, logo usam psicoativos para esquecerem as condições do local de trabalho.

Além disso, os locais de trabalho sexual podem ser difíceis de se lidar, a questão do frio é o exemplo mais frequente na literatura, mas existem outros motivos como aguentar a fome e a dor. É importante se lembrar que as zonas de prostituição das travestis, normalmente, se localizam em zonas de criminalidade e violência maiores que de pessoas cisgêneras profissionais do sexo, ou seja, a situação econômica dessas profissionais é marcada como mais baixa. E, o uso de substância pode ajudar na maior produtividade sexual dessas profissionais, acarretando maior ganho econômico.

Desta forma, as substâncias são muitas vezes frequentes na vivência dos corpos travestis, o uso de drogas é natural, e, às vezes, até mesmo recomendado entre as travestis profissionais do sexo (Kulick, 2008). Todavia, as travestis não são, simplesmente, compradoras das substâncias, muitas delas estão ativamente na venda às drogas, ou seja, estão ativamente no tráfico. Na próxima seção irei colocar um pouco do que a literatura escreveu sobre a relação das travestis e o tráfico.

Uma das explicações para o fato de a população travesti ser jovem em média e que, em geral, elas não vivem muito. Se a expectativa média de vida dos brasileiros fica em torno de 65 anos (Veras & Alves, 1995), a das travestis não passa, provavelmente, dos 45, ou menos. Muitas delas, como disse, morrem de causas violentas/Aids ou outras doenças nunca diagnosticadas. Aquelas que atingem 40 ou 50 anos já não têm as mesmas condições de se manter com a prostituição: à medida que os clientes vão escasseando, “precisam encontrar outras atividades e meios de vida. Nessa altura, algumas dão um passo decisivo engajando-se no tráfico de drogas: aos poucos podem conseguir expandir os contatos, estabelecer uma rede de compradores, e assim continuam mantendo uma vida minimamente confortável, mesmo após encerrar a profissão de rua. (Kulick, 2008,p.57)

Ser profissional do sexo envolve seguir padrões de beleza, parecer jovem, e ser atraente para os clientes. As travestis fazem cirurgias para conseguir o padrão estético feminino, e, conseqüentemente, atrair mais clientes. É bom reforçar que as cirurgias são feitas para elas se sentirem bem consigo mesmas, (Lino, 2023 ; kulick, 2008 ; Moira et al, 2017) mas esse aumento

de feminilidade atrai homens heteros curiosos com a dualidade dos corpos travestis(kulick, 2008). Todavia, com o passar do tempo, a jovialidade vai acabando, a atração que os clientes sentiam vai diminuindo, mas elas - as travestis profissionais do sexo- continuam precisando de dinheiro, e acabam recorrendo à venda de substâncias ilícitas.

A pressão estética para corpos trans acaba sendo outro fator. Seus corpos que fogem da realidade são, constantemente, marginalizados. Além da marginalização externa, muitas vezes essas, pessoas não se sentem pertencentes àquele corpo, o qual não é adequado ao seu gênero. Conhecido como disforia, esse sentimento de desconforto com o próprio corpo é muito comum em pessoas transgênero, e para tentar diminuir a disforia recorrem a cirurgias e outras maneiras de adequação de gênero, isto é, desde vestir roupas consideradas socialmente como do gênero que se identificam, até cirurgias para se adequarem ao que é esperado que exista em corpos de certo gênero. De toda forma, essas cirurgias de adequações de gênero, muitas vezes, não feitas pelo SUS- Sistema único de saúde- têm preços exorbitantes, o que pode auxiliar na introdução desses corpos no tráfico também, mas isso não necessariamente ocorrerá em todos os casos.

Assim, não são somente as mais velhas que recorrem ao tráfico, mas as que querem ter mais dinheiro para se viver e/ou se sentirem mais belas. Todavia, esse dinheiro surge por meio de diversos riscos que elas têm que correr. Mbembe (2016), no seu livro Necropolítica, analisa as políticas de mortes feitas para matar pessoas minoritárias, ou seja, políticas de extermínio estatal. Deste modo, a política de “guerra às drogas” é uma dessas políticas, que acaba matando diversas pessoas que nem estão no tráfico, mas por viverem em áreas popularmente conhecidas por serem marcadas pelo tráfico, ou seja, periferias, acabam sofrendo as consequências dessa violência. Isso não é diferente para as travestis, pois por serem um grupo já marginalizado a polícia tem ações já bastante violenta com elas (kulick, 2008), porém com elas sendo ativamente parte da venda de drogas a violência acaba se tornando maior – tanto por conta da polícia, tanto pelos corpos de homens cis vendedores de substâncias ilícitas também.

Assim, o tráfico para as travestis não é somente um ponto de violência, mas pode ser também um ponto de lucro. Além de ser a maneira de se adquirir a “droguinha” num país que os psicoativos são proibidos, ou seja, as pessoas mais marginalizadas são levadas a ter maiores consequências pelo tráfico. Sendo essas violências e a má qualidade dessas substâncias que não têm legislações sem ser de as proibir. Na próxima seção, falarei mais um pouco do uso de substância no trabalho sexual, mas visando o uso no estrangeiro.

Desta forma, pensar no uso de psicoativos feito por travestis é diferente de muitos dos contextos usuais da redução de danos, uma vez que muitas dessas mesmas travestis dizem que, se não fosse o trabalho, nem usariam drogas (Godoy et al,2013). Como também, a redução de

danos também já foi utilizada para violentar cada vez mais essas pessoas e no próximo tópico pretendo me aprofundar um pouco mais nisso.

Há dois outros aspectos da vida na Itália notadamente problemáticos. Eles podem levar uma travesti à ruína. Elisabeth, que viveu por três meses naquele país, explicita: 'Se você for uma travesti inteligente, chega na Itália e fica rica. Mas se você for burra, volta para o Brasil mais pobre do que saiu. Isso porque tem duas coisas com que você nunca pode se envolver na Itália: homens e drogas' (Kulick, p.187, ano)

-Eu realmente não confio neles [homens europeus], mona! Eles são gatos e tudo, mas a maioria deles é perversa. Alguns são apenas estranhos, brutos. Mas, olha, eu sou uma vadia louca! Eu sou. Outro dia, entrei num carro, sabe? Era um cara sexy, que parecia árabe. Ele me levou para um lugar perto. Antes de querer começar a foder, ele cheirou algo [drogas] e me ofereceu um pouco. Ele disse que ia dividir comigo, de graça. Não sei o que ele cheirou nem o que me deu, só sei que desmaiei. [...] -Quando acordei, ele tinha me empurrado para fora do carro. Me deixou pelada, no meio da rua! [...] As drogas aqui são mais fortes, diferentes do Brasil. Tenha cuidado. (Lino, p.261,2013)

O trabalho sexual para as travestis é um assunto bastante conhecido, principalmente, a forma análoga a “escravidão moderna” que ocorre para as mesmas travestis poderem viajar. Assim, muitas delas fazem acordos com cafetinas para fazer procedimentos estéticos e viajarem e arrecadarem o dinheiro para devolver a cafetina, mas a estadia, alimentação, entre outros também são cobrados, isto é, suas dívidas aumentam cada vez mais. Todavia, não pretendo alastrar mais esse assunto nesse ensaio, pois iria demandar bastante tempo, mas é importante ressaltar a existência desse problema que ocorre nessas “trocas de favores”. No começo dessa seção, é existente dois tópicos similares, a mesma concordância que os homens e as drogas, na Europa, podem ser um grande problema para as travestis. Este problema pode advir do preconceito que corpos travestis sofrem, da própria necessidade do trabalho ou do fator econômico, o qual os dois podem gerar uma perda significativa materialmente. Pretendo focar mais na questão das drogas, e só tocar no tópico dos homens quando tiver relação com o uso dessa substância por achar para os fins desse trabalho essa parte é a mais importante.

Como foi dito anteriormente nesse ensaio, a utilização das substâncias por travestis, na Europa, majoritariamente, tem relação com o trabalho. A necessidade de ficar numa esquina no inverno europeu, às vezes, sem um casaco decente pelo valor deste mesmo casaco as coloca na escolha de usar a substância para não passarem tanto frio (kulick, 2008). Além disso, as substâncias podem ser um potencializador no sexo, o qual ajuda as profissionais que, muitas vezes, precisam fazer sexo com diversos homens num mesmo dia.

Apesar disso, muitas vezes, o uso pode não ser controlado, e isso prejudicar as economias delas. Todavia, a maioria das travestis não percebem seu uso como não controlado, o que pode dificultar a ação de redução de danos com essa população, uma vez que seu uso é visto como parte do trabalho (Godoy et al, 2013). Assim, no contexto das travestis, que estão na Europa,

esse uso no trabalho pode ser positivo para conseguir se manter no trabalho no frio, e ter mais clientes. Porém, isso pode acarretar o aumento da dívida dessas mesmas travestis.

Além disso, as substâncias podem ser utilizadas por homens mal-intencionados para violentá-las. A citação colocada no início dessa seção é um exemplo. O uso de vários tipos de substâncias é muitos comuns nas zonas de prostituição tanto pelas profissionais do sexo quanto pelos clientes, mas alguns clientes podem se aproveitar desse *habitus* para violentar e/ou matar os corpos trans. Isto é, a utilização de substância na zona de prostituição tem que ser refletida mais do que ocorre na atualidade, uma vez que não é uma questão somente de saúde pública, mas também de segurança desses corpos.

O intuito dessa seção não é colocar a utilização de substâncias como algo moralmente repressivo. Pretendo demonstrar que o verdadeiro problema não é a utilização da substância, mas as dificuldades de proteger corpos abjetos das violências e de maiores danos com o abolicionismo em vigor nos países, principalmente, quando existe uma mudança do país da pessoa que é usuária, uma vez que dependendo da sociedade as substâncias utilizadas são diferentes e existe uma diferença de qualidade também. Em países de terceiro mundo, as substâncias são, normalmente, de pior qualidade e mais fracas comparadas com as de primeiro mundo (kulick, 2008).

Assim, o proibicionismo é um dos importantes aspectos para se pensar os possíveis problemas que correm com travestis que utilizam psicoativos no estrangeiro. As substâncias não têm regulação, ou seja, as pessoas não sabem a quantidade de pureza dela e os possíveis efeitos no corpo. Dessa forma, a droga pode ter o mesmo nome em diferentes países, mas os efeitos podem diferir por terem qualidades. O que pode acarretar a situação descrita no começo da seção, a pessoa não estar preparada para o efeito da substância, sem o apoio de pessoas confiáveis e acabar sendo violentada.

Logo, o verdadeiro problema não é o uso das substâncias, mas o contexto da proibição do uso de substâncias que retira as fiscalizações e regulamentações dessas. O fato de as profissionais do sexo utilizarem substâncias na profissão pode gerar violências, principalmente se elas não sabem a origem e o que é a substância e seus possíveis efeitos, isto é, o *Set* não é adequado para experimentar certas substâncias. A relação drogas e prostituição e as possíveis formas de redução de danos têm que ser pensadas, porém, o proibicionismo dificulta a ação de redução de danos e gera mais violência para esses corpos já marginalizados.

Desta forma, pensar no uso de psicoativos feito por travestis é diferente de muitos dos contextos usuais da redução de danos, uma vez que muitas dessas mesmas travestis dizem que, se não fosse o trabalho, nem usariam (Godoy et al, 2013). Como também, a redução de danos

também já foi utilizada para violentar cada vez mais essas pessoas e, no próximo tópico, pretendo me aprofundar um pouco mais nisso.

A violência a esse grupo ficou cada vez pior, a polícia se utilizava deste medo público da AIDS para violentar e encarcerar cada vez mais os grupos abjetos, principalmente os gays e as travestis (Kulick, 2008). Dessa forma, o Estado não garantia segurança a essas pessoas de nenhuma forma. Os corpos trans ficavam em hospitais (quando eram aceitos) esperando a morte, sem cuidado, e grande preconceito, e quando não tinham um estágio avançado da doença ficavam sem ter aonde ir. Até que Brenda Lee abriu o “palácio das princesas”, seu pensionato, para esses corpos soropositivos.

Assim, qualquer pessoa abjeta, que não tivesse aonde ir, poderia habitar o local, com Brenda, travesti que foi símbolo de resistência no contexto pós ditadura militar, sendo compreensiva sobre os pagamentos de aluguel, e se a pessoa estivesse com HIV, poderia encontrar, naquele local, cuidado e ajudado para sobreviver. Ação que deveria partir do Estado, mas não foi o que aconteceu. Caetana foi importante na redução de danos, pois muitas ISTs podem ser transmitidas pelo sangue também, ou seja, por drogas injetáveis. Cuidar de pessoas com HIV se torna um cuidado com usuários, pois muitos casos de ISTs eram transmitidos pelo uso de substâncias.

Diante desse cenário, pretendi mostrar caetana como voz da resistência travesti, como ação daqueles sempre excluídos, um exemplo de força e luta que sempre tentam apagar. Brenda é um exemplo de como as travestis não são, simplesmente, vítimas da sociedade, como em muitos textos, que estiveram presentes nesse ensaio, mas como também são resistências, e demonstra sua humanidade, a qual muitas vezes são tiradas dela.

Dessarte, Brenda demonstra como as travestis podem resistir na sociedade. Na época da ditadura, suas ações ajudaram diversas travestis profissionais do sexo a continuarem vivas. Enquanto o Estado matava travestis, ela cuidava delas e ajudava a ter um lar, independente da sua doença. Lembrar da existência Brenda Lee se torna de grande importância para mostrar que o cuidado com os corpos transgênero é uma necessidade que o Estado não consegue dar pelos grandes preconceitos sociais existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho acadêmico teve como objetivo fazer uma análise crítica das situações de uso de psicoativos em profissionais do sexo que tem corpos desviantes e como essa relação é pensada na literatura acadêmica, esse texto é um incentivo que outras pessoas façam análises

desse tema que é deixado à margem nas literaturas sobre pessoas trans e travestis, mesmo sendo uma questão de saúde pública. Entender como acontecem os usos, as possíveis táticas de redução de danos e como diminuir a violência desse grupo tem que ser pensado.

Pode-se destacar que o uso de substância depende do setting e do set da pessoa, e para travestis esses contextos variam muito, principalmente, pela grande exclusão que existe nesse grupo. A vivência travesti, normalmente, é cheia de violência e marginalidade, elas são colocadas a margem social e sua sobrevivência depende de muita luta. Assim, culpá-las por usar as substâncias não teriam sentido, pois o problema não é a substância, nem o sujeito que usa, mas a estrutura de poder que dificulta a sua inserção na sociedade e o preconceito existente no uso de substâncias e de corpos travestis, ou seja, existe um preconceito muito maior em travestis usuárias.

A proposta desse trabalho foi passar pelas principais temáticas que estão na literatura acadêmica sobre corpos trans, principalmente, travestis buscando iniciar um debate- até o momento- pouco existente no Brasil. A ideia por trás desse trabalho é mostrar que o uso de substâncias é mais complexo do que inicialmente parece, e suas motivações variam dependendo do público inicial.

Diante das considerações realizadas sobre a temática, conclui-se que é necessário se pensar redução de danos para esse grupo de forma diferente do habitual, uma vez que esse grupo já é excluído e dependendo da abordagem que existir para se pensar no uso de psicoativos nesse grupo pode acarretar a maior exclusão social das travestis. Assim, com esse ensaio, espero incentivar o maior pensamento crítico sobre a utilização de psicoativos na área e que mais profissionais busquem pensar a redução junto com esse grupo com aliados.

Palavras Chaves: Travestis; Uso de substâncias psicoativas; Prostituição.

REFERÊNCIAS

ANTRA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024*. Organização: Bruna G. Benevides; Guilherme Terreri Lima Pereira. 2025.

BASSICHETTO, Katia Cristina et al. *Corpos do desejo: uso de hormônios sem prescrição médica entre mulheres trans e travestis em cinco capitais brasileiras (2019–2021)*. *Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, DF, 2019.

BRANT, T.; NERY, J. W.; ROCHA, M.; MOIRA, A. *Vidas trans*. São Paulo: Astral Cultural, 2017.

BUENO, Julia Pereira. *A encruzilhada também é ponto de partida: experiências e práticas políticas em redução de danos com/por pessoas trans e travestis*. 2024. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

GODOY, R. M. R.; PEREIRA, D. L.; DIAS, T. M. *O contexto do uso de drogas entre travestis profissionais do sexo*. 2013.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LINO E SILVA, Moisés. *Liberalismo minoritário: vida travesti na favela*. Chicago: The University of Chicago Press, 2023.

MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. *Revista Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez. 2016.

MERHY, Emerson Elias; FEUERWERKER, Laura. *Novo olhar sobre as tecnologias de saúde: uma necessidade contemporânea*. In: MERHY, E. E. et al. (org.). *Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes*. Rio de Janeiro: Hexis, 2016.

PRECIADO, Paul B. *Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

PEREIRA, Guilherme Terreri Lima. *Gênero, sexualidade e sociedade: instrumentos, abordagens e debates para uma sala de aula implicada*. Salvador, BA. Palestra, 2025.

ZINBERG, Norman E. *Drug, set and setting: the basis for controlled intoxicant use*.
New Haven: Yale University Press, 1984.